

INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO: QUESTÃO PENDENTE

João Alberto Steffen Munsberg¹
Gilberto Ferreira da Silva²

RESUMO

Este artigo constitui-se num recorte da pesquisa sobre *O Ensino Médio Politécnico frente às demandas e perspectivas discentes* e objetiva apresentar os resultados da análise e discussão dos dados sobre práticas interdisciplinares. A referida investigação abrangeu 30 escolas públicas estaduais do Rio Grande do Sul, uma de cada cidade-sede de Coordenadoria Regional de Educação (CRE), com 658 respondentes (estudantes concluintes do 3º ano do ensino médio em 2014). O estudo justifica-se pela carência de pesquisas sob a perspectiva discente no que se refere à proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico. No percurso metodológico utilizou-se a técnica de análise temática de Gibbs (2009), combinada com procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (2011). A proposta curricular em questão tem a interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora, desenvolvida especialmente por meio do Seminário Integrado. Como resultados da pesquisa, constatou-se que os respondentes têm consciência da importância do estudo para sua formação, mas querem uma escola diferente. A análise dos dados indica que a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico não atende satisfatoriamente às demandas dos estudantes. Os respondentes consideram o Seminário Integrado desnecessário e inútil, pois, dentre outros aspectos, não ocorre integração com os demais componentes curriculares. O trabalho interdisciplinar, quando ocorre, é de maneira esporádica e restrita a alguns componentes curriculares. Isso remete à necessidade de se olhar para a realidade apresentada, buscando a compreensão das juventudes como sujeitos da aprendizagem e a formação docente para a efetiva prática interdisciplinar. A interdisciplinaridade no Ensino Médio Politécnico continua sendo uma questão pendente.

Palavras-chave: Ensino médio politécnico. Seminário integrado. Interdisciplinaridade. Protagonismo juvenil.

¹ Doutorando em Educação. UNILASALLE. E-mail: steffen@pvsinos.com.br.

² PPGEduc. UNILASALLE. E-mail: gilberto.ferreira65@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se num recorte da pesquisa sobre *O Ensino Médio Politécnico frente às demandas e perspectivas discentes*, que se insere na linha de pesquisa Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas, do PPGEduc UNILASALLE – Canoas, RS. Objetiva-se, com este texto, apresentar os resultados da análise e discussão dos dados sobre práticas interdisciplinares, especialmente em relação ao Seminário Integrado.

O Ensino Médio Politécnico foi implantado nas escolas públicas estaduais do Rio Grande do Sul em 2011. A proposta pedagógica foi implementada progressivamente a partir de 2012, começando pelo primeiro ano do ensino médio. Sendo assim, os concluintes de 2014 cursaram os três anos pela nova estrutura. Essa é a população-alvo da investigação, a qual abrangeu 30 escolas públicas estaduais do Rio Grande do Sul, uma de cada cidade-sede de Coordenadoria Regional de Educação (CRE), com 658 respondentes.

A pesquisa buscou resposta para o seguinte problema: O Ensino Médio Politécnico está atendendo às demandas e perspectivas dos estudantes da escola pública estadual no Rio Grande do Sul? Na perspectiva da problemática, definiu-se o objetivo geral da pesquisa: Analisar a percepção de estudantes de escolas públicas estaduais do Rio Grande do Sul sobre o atendimento de suas demandas pelo Ensino Médio Politécnico.

O estudo realizado justifica-se pela carência de pesquisas sob a perspectiva discente no que se refere à proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico. No percurso metodológico utilizou-se a técnica de análise temática de Gibbs (2009), combinada com procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (2011).

A proposta curricular em questão tem a interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora, desenvolvida especialmente por meio do Seminário Integrado. A análise dos dados indica que a proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico não atende satisfatoriamente às demandas dos estudantes. Os respondentes consideram o Seminário Integrado desnecessário e inútil, pois, dentre outros aspectos, não ocorre integração com os demais componentes curriculares. O trabalho interdisciplinar, quando ocorre, é de maneira esporádica e restrita a alguns componentes curriculares. Isso remete à necessidade de se olhar para a realidade apresentada,

buscando a compreensão das juventudes como sujeitos da aprendizagem e a formação docente para a efetiva prática interdisciplinar. A interdisciplinaridade no Ensino Médio Politécnico continua sendo uma questão pendente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em termos teóricos, a pesquisa ancorou-se na teoria da complexidade de Morin (2005), com apoio de outros pensadores. A ideia de complexidade contém a impossibilidade de unificação, integração ou conclusão. O *paradigma da complexidade* funda-se na razão aberta, a qual se caracteriza por ser evolutiva (progride por mutações e reorganizações), residual (inclui o a-racional e o sobre-racional), complexa (reconhece a complexidade das relações sujeito-objeto e ordem-desordem) e dialógica (opera com macroconceitos recursivos). Complexidade é a tessitura inter-relacional da realidade, encaminhando o *pensamento complexo*, o qual nunca é completo (MORIN, 2001).

Mesmo não explícito no texto da proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico, observam-se elementos e princípios do *paradigma de complexidade*, postulado por Morin (2013a; 2013b), presentes nos fundamentos teóricos e nos princípios norteadores. O Ensino Médio Politécnico se pauta, dentre outros, na articulação interdisciplinar do trabalho pedagógico, na relação todo-partes/partes-todo, na relação teoria-prática e na pesquisa como princípio pedagógico, tudo isso relacionado ao *pensamento complexo*. Igualmente, está presente na referida proposta outra dimensão da racionalidade proposta por Morin (2013b). Trata-se do “pensamento contextual”, o qual busca a relação de inseparabilidade fenômeno contexto. No Ensino Médio Politécnico isso se expressa na contextualização dos conteúdos escolares e na pesquisa socioantropológica. *Pensamento do complexo* e *pensamento do contexto* integram a *sociedade do conhecimento* (dos tempos atuais), a qual exige pensadores polivalentes, transdisciplinares, articulando uno/múltiplo, parte/todo singular/geral unidade/diversidade e ordem/desordem.

Segundo Morin,

[...] há uma forte pressão sobreadaptativa que pretende adequar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento, aos últimos métodos, às últimas imposições do mercado, assim como reduzir o ensino geral emarginalizar a cultura humanista (MORIN, 2013b, p. 17-18).

A sobreadaptação a determinadas condições implica perda da criatividade e debilitação dos sujeitos. A escola, de modo geral, “[...] ensina a separar os objetos de seu contexto, as disciplinas umas das outras para não ter que relacioná-las” (MORIN, 2013b, p.18). Há, portanto, a aplicação dos princípios simplificadores da separação, da fragmentação e da redução.

De que maneira o Ensino Médio Politécnico se articula com esse pensamento? Para Azevedo e Reis (2013), “[...] o princípio da interdisciplinaridade é elemento norteador da prática pedagógica politécnica.” (p. 40). Interdisciplinaridade pressupõe interação entre os participantes e integração de conhecimentos. Segundo Miranda (2012, p. 40), “[...] o trabalho interdisciplinar e contextualizado requer participação, cooperação e interação entre os participantes”.

Faz-se necessário uma reforma do pensamento, a qual terá como missão “[...] formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo” (MORIN, 2013b, p. 27). E essa é a função da escola. A reforma preconizada por Morin (2013b) tem por objetivo articular as disciplinas, constituindo “[...] um objeto simultaneamente interdisciplinar, polidisciplinar e transdisciplinar [...]” (p. 46), que possibilite desenvolver a cooperação e a policompetência. A reforma do pensamento implica substituir a simplificação pela complexificação, articulando o que está fragmentado. Sob essa ótica, Japiassu (1976) afirma: “A especialização exagerada e sem limites das disciplinas científicas, a partir, sobretudo, do século XIX, culmina cada vez mais numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico” (p. 40).

Metodologicamente, em decorrência da opção pela abordagem qualiquantitativa e com o intuito de obter uma representatividade significativa em termos quantitativos, optou-se pela utilização de amostra por conveniência. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário com questões fechadas e uma questão aberta. Os dados relativos às questões fechadas foram tratados segundo a estatística descritiva. O tratamento dos dados da questão aberta seguiu inicialmente a

Técnica de Análise de Conteúdo desenvolvida por Bardin (2011). Todavia, devido à grande quantidade de material coletado, foi necessário adotar um método mais adequado, mas de igual forma pertinente e coerente com os propósitos desta pesquisa. Optou-se, então, por realizar análise temática segundo o método de Gibbs (2009). Trata-se de um método interpretativo que permite organizar e interpretar os dados de forma sintética, porém segura e confiável.

Articulando fundamentos da técnica de Bardin (2011) com o método de Gibbs (2009), os procedimentos adotados na organização e no tratamento dos dados são: a) pré-análise dos relatos dos respondentes, mediante leitura “flutuante”; b) digitalização dos resultados, garantindo a confidencialidade mediante processo de anonimização e utilização de localizador; c) leitura aprofundada em busca de termos ou expressões que evidenciassem os temas gerais; d) identificação dos temas de interesse da pesquisa e suas abordagens (positiva ou negativa) em nível categórico e analítico; e) codificação dos relatos em avaliação positiva, negativa ou ambas; f) codificação dos temas a partir de passagens de mesma atividade, de acordo com as categorias definidas *a priori* (codificação baseada em conceitos) e *a posteriori* (codificação baseada em dados); g) elaboração do rol de códigos para estruturação dos agrupamentos temáticos; h) agrupamento dos termos por categoria; i) descrição, análise e discussão das categorias temáticas.

Para preservar a identidade dos respondentes na análise de relatos, adotou-se o processo de anonimização com a utilização de localizador, sendo que os sujeitos da pesquisa citados são designados por (estudante) e os índices superior (CRE/escola) e inferior (respondente).

3 SEMINÁRIO INTEGRADO E INTERDISCIPLINARIDADE

O Seminário Integrado constitui-se num espaço-tempo organizado coletivamente por professores e estudantes, destinado à reflexão interdisciplinar a partir de projetos que envolvam temáticas e conteúdos relevantes. Em outras palavras, é um espaço em que se articulam conhecimentos e realidade social (espaço vivido) com os conhecimentos formais (currículo formal). É um espaço da produção do conhecimento por meio de pesquisas interdisciplinares (SEDUC-RS, 2011).

A categoria Seminário Integrado compreende duas temáticas identificadas como subcategorias, que são: *Seminário Integrado desnecessário e inaproveitável* e *Seminário Integrado sem planejamento*. Cinco medidas propositivas do Ensino Médio Politécnico são contempladas na categoria Seminário Integrado, envolvendo pesquisa, politecnia, interdisciplinaridade, contextualização e saberes advindos de práticas sociais.

Os relatos dos respondentes, apresentados a seguir, são bastante expressivos do ponto de vista de crítica ao componente curricular. A forma de expressão do estudante E₃₆⁴ é exemplo disso. “OBRIGUE-ME! Nada do SI foi útil, pois fazer projetos desinteressantes, os quais ninguém dá a mínima, não agrega em absolutamente nada.” (E₃₆⁴).

Ele começa seu relato escrevendo em caixa alta, o que demonstra indignação. “OBRIGUE-ME!” é imperativo, o que sugere imposição da proposta. O estudante ressalta, também, a inutilidade do componente curricular.

Já o estudante E₃₇⁴, da mesma escola, além de confirmar o entendimento anterior quanto à inutilidade do Seminário Integrado, traz um novo elemento de crítica: a transferência da carga horária de componentes curriculares considerados importantes para sua formação, notadamente Língua Portuguesa e Matemática, para esse componente.

As aulas de seminário, não penso ser útil, já que é muito tempo gasto para pouca coisa. Esse tempo poderia ser gasto em atividades como Português e Matemática, para que possamos saber mais sobre essas matérias que são extremamente úteis para nós. Sem seminário dá para sobreviver, mas sem Português e Matemática, não dá (E₃₇⁴).

Os três depoimentos a seguir reforçam a ideia de que o Seminário Integrado não prepara para o trabalho e os conteúdos não são úteis. O estudante E₃₈¹ relata: “Seminário Integrado é uma matéria que nem um professor sabe dar aula e é inútil para minha vida profissional. Seria bom se não fosse uma porcaria!” (E₃₈¹). Supõe-se que o estudante considera o componente curricular inútil para sua formação devido ao despreparo dos professores, ou falta de planejamento de parte desses.

O estudante E₃₉⁶ julga ser inaproveitável por não preparar para os vestibulares, não tendo como competir com estudantes de outras redes. Os professores não conseguem executar as medidas propositivas.

Para mim, a atividade que julgo ser mais inaproveitável é a disciplina de Seminário Integrado.

Agora que chegou a hora de prestar vestibulares e eu desejo o ingresso em uma universidade pública, percebo o quanto estou “fraca” em relação aos concorrentes, visto que perdi muitas aulas importantes formulando projetos que, no final do ano, serão engavetados para sempre (E₃₉⁶).

O depoimento do estudante E₄₀²⁵ confirma as colocações anteriores e acrescenta o fato de os projetos de pesquisas de campo serem distanciados da preparação para o mundo do trabalho.

Dos poucos projetos realizados pelo seminário integrado, são realizadas pesquisas de campo, com pessoas de diferentes níveis sociais, o que mostra o perfil socioeconômico da sociedade em que vivemos. Porém, não é válido para o mercado de trabalho, qual era o objetivo inicial. Há também pouquíssima preparação para o exame que avalia o ensino médio e vestibulares (E₄₀²⁵).

A implementação do Seminário Integrado tem enfrentado alguns desafios. Conforme Schu (2015), o Seminário Integrado tem como maior entrave a dificuldade dos professores em incorporarem uma atitude efetivamente interdisciplinar. Assim, esse componente curricular, na prática, desenvolve os projetos sem que haja integração, carecendo de planejamento coletivo, cooperativo e interativo. Os professores contribuem de forma isolada e superficial, quando o fazem, por não estarem preparados para a implantação do modelo pedagógico.

A falta de planejamento fica evidente no relato do estudante E₄₁¹⁷. “As aulas de tarde que não vale a pena, porque os alunos que vem na escola vem para ficar atoa e não adianta nada esse seminário porque os alunos continuam sem aprender nada” (E₄₁¹⁷).

O estudante E₄₂²⁸ tece suas críticas ao Ensino Médio Politécnico, mas em verdade leia-se Seminário Integrado. Além de aspectos já abordados por outros, em relação às outras temáticas, destaca a falta de preparo dos professores para a implementação da proposta e execução do trabalho.

Não gostei de nenhuma aula do politécnico, pois é perda de tempo. Os professores não são preparados adequadamente para tal ensinamento.

Diversas vezes eu vim para a escola fazer e assistir politécnico e os professores não passavam nada, um ficava olhando para a cara do outro. Totalmente desnecessário, se querem fazer o Ensino Médio do Politécnico que o façam bem feito! (E₄₂²⁸).

O relato do estudante E₄₃¹ é bastante incisivo num aspecto recorrente: períodos vagos nos horários destinados ao Seminário Integrado. Isso é outra evidência da falta de planejamento por parte dos agentes da educação, especialmente os professores. A ocorrência denuncia a ausência de trabalho coletivo, participativo e interdisciplinar. O Seminário Integrado não conseguiu integrar. “Estudamos mais e aprendemos menos. O aluno se forma sem ter nenhum conhecimento. Temos mais carga horária de aulas que se transformaram em períodos vagos dessa disciplina, podendo ter outras disciplinas melhores para aprender.” (E₄₃¹).

O estudante E₄₁¹ afirma que os professores não sabem o que estão desenvolvendo no componente curricular. Por que não sabem? – Porque não preparam, não planejam, supõe-se. “Não vejo sentido algum no ensino politécnico. A única ‘coisa’ que observo é que teremos uma legião de IBecis no mercado de trabalho. Os professores de Seminário na minha opinião parecem não saberem ao certo o que estão desenvolvendo, pois não existe um conteúdo.” (E₄₁¹).

O estudante E₄₅¹⁴ cita o desinteresse da turma pelo Seminário Integrado. Não havendo interesse, curiosidade pelo desconhecido, não há aprendizagem. “Não gosto do Seminário Integrado, pois prefiro minhas aulas normais (Mat, Port.) Acho a ideia boa, porém em nosso Ensino nunca dará certo, pois os alunos não se importam” (E₄₅¹⁴).

Num exercício de síntese das críticas dos respondentes ao Seminário Integrado extraem-se as seguintes colocações: o Seminário Integrado é desnecessário e inútil porque os projetos são desinteressantes, os conteúdos abordados em aula são inúteis, é desorganizado, não há planejamento, não ocorre integração com os demais componentes curriculares, os professores não foram capacitados, os estudantes têm pouca participação na escolha dos temas, não há infraestrutura e recursos necessários, não há estímulo e motivação para participar, não prepara para os vestibulares e o Enem, não prepara para o trabalho e, em função de tudo, o tempo destinado a esse componente curricular é perdido.

Alguns estudos analisados no estado da arte corroboram as constatações anteriores. Moreira *et al.* (2014) destacam a dificuldade de implementação do Seminário Integrado, em

específico, devido à falta de comunicação entre os professores dos diversos componentes curriculares, inclusive no seio da própria área de conhecimento. Maia e Tomazetti (2014) encontraram como entraves a postura dos professores em relação à interdisciplinaridade, a redução da carga horária destinada aos componentes curriculares do núcleo comum e a falta de formação dos professores para atuação na preparação politécnica, dentre outros. Schu (2015) apresenta uma síntese de desafios a serem superados no tocante ao Seminário Integrado, tais como a necessidade de atendimento concomitante a diversos grupos, a falta de preparo dos professores para a devida orientação dos projetos, a falta de tempo para a preparação das pesquisas, a falta de infraestrutura e recursos adequados e a superficialidade dos projetos desenvolvidos pelos estudantes.

Diante do exposto, e a par de todos os relatos dos respondentes, infere-se que o Seminário Integrado não atende às demandas e expectativas dos estudantes em relação ao rol de medidas propositivas correlacionadas, notadamente o que se refere à interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora.

A categoria *práticas interdisciplinares* diz respeito à medida propositiva do Ensino Médio Politécnico de *interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora*.

Interdisciplinaridade pressupõe interação, rompimento e ultrapassagem dos limites disciplinares. É um movimento de integração dos componentes curriculares, dos conteúdos curriculares, das práticas pedagógicas e dos agentes dos processos de ensino e aprendizagem. Interdisciplinaridade implica redescoberta e reconstrução de conhecimentos. Conforme Japiassu (1976), “[...] a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (p. 74). Segundo Francischett (2005), “Para atingir a interdisciplinaridade, porém, é necessário, antes de tudo, que o professor se permita ser interdisciplinar, tenha espírito interdisciplinar e seja autônomo nessa decisão” (p. 11). É preciso romper com a visão compartimentada, fragmentada. Trazendo Morin e Kern (2000): “[...] é preciso associar os elementos do global numa articulação organizadora complexa, é preciso contextualizar o próprio global. A reforma do pensamento necessária é a que irá gerar um pensamento do contexto e do complexo” (p. 167). Para o pensador da complexidade, é

preciso pensar todo fenômeno em seu contexto e no global. É preciso ligar o que está compartimentado. É preciso pensar – para poder agir – de forma interdisciplinar no contexto escolar.

Interdisciplinaridade como interação entre disciplinas, como interconexão dos componentes curriculares. Ressalte-se que para haver interdisciplinaridade não há necessidade de mudança curricular, ou do Ensino Médio Politécnico, ou ainda do Seminário Integrado. Interdisciplinaridade implica, fundamentalmente, mudança no fazer da escola, do professor e do estudante. A prática interdisciplinar requer, sobretudo, postura interdisciplinar de parte dos professores, isto é, desprendimento para o trabalho coletivo, cooperativo, solidário e interativo. Nessa direção posiciona-se Neto (2013):

[...] é possível exercitar novos modos de agir em relação à criação de condições mais adequadas para a aprendizagem dos estudantes. Bastando para isso uma modificação do seu comportamento em relação a velhas metodologias e a criação de um ambiente escolar que favoreça as trocas e a colaboração entre todos participantes da comunidade escolar, com o apoio de agentes externos à Escola. Isso possibilita a construção de ambientes de aprendizagens mais propícios à construção da aprendizagem, superando a atual rotina escolar e a fragmentação dos conteúdos, consequência da construção curricular (p. 269).

De outra parte, além da questão da postura docente, o pensar interdisciplinar dialoga com as diversas formas de conhecimento, como afirma Fazenda (2013):

[...] aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentidos às nossas vidas. Ampliando através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo (p. 20).

Portanto, a construção da aprendizagem ocorre por meio da troca, do diálogo e da interação entre os sujeitos no ambiente de convivência, isto é, no contexto de suas vivências, como é o caso da escola. A interdisciplinaridade “[...] deve ser uma lógica da descoberta, uma abertura recíproca, uma comunicação entre os domínios do saber, uma fecundação mútua e não um formalismo que neutraliza todas as significações, fechando todas as possibilidades” (FAZENDA, 1979, p. 32).

A categoria *práticas interdisciplinares* compreende duas temáticas: *projetos interdisciplinares* e *conteúdos integrados*.

Entende-se por *projetos interdisciplinares* as atividades realizadas de forma integrada por todos os componentes curriculares. Sobre essa temática, retiraram-se dos relatos três citações. O estudante E₁¹ afirma: “Seminário Integrado, pois temos que construir um projeto constituindo todas as matérias, e apresentar para os alunos e professores. É uma das atividades mais legais já feita na Escola, e isso já ensina o aluno de como elaborar um projeto para sua vida.” (E₁¹).

Percebe-se que o respondente inicia o texto como se estivesse respondendo a uma pergunta, citando uma atividade que tenha sido importante para sua formação. A ênfase aqui recai sobre a evidência da prática interdisciplinar na construção de um projeto envolvendo todos os componentes curriculares. Tal prática, entretanto, poderia ocorrer mesmo sem o Seminário Integrado.

De outra parte, Dayrell (2003; 2007) considera o jovem como sujeito social, construído no convívio social, mas numa perspectiva própria, com protagonismo. Nesse sentido, o estudante é protagonista na elaboração de um projeto para sua vida calcado nos conhecimentos adquiridos na escola.

O estudante E₂⁷ não deixa claro quantos professores, ou componentes curriculares, participam do projeto interdisciplinar, mas destaca o melhor preparo dos professores, o que indica a possibilidade de trabalho conjunto.

Em minha escola todo ano é desenvolvido um projeto interdisciplinar, nesse ano ele foi melhor desenvolvido. Os motivos seriam que, a cada ano os alunos estão melhor preparados para as pesquisas e o desenvolvimento do trabalho e os professores também, por isso, os resultados foram positivos (E₂⁷).

O estudante compreende que educar é processo. E mais: quando esse processo é construído de forma coletiva e integradora vai se qualificando. Presume-se, pois, que a implementação progressiva foi acompanhada pelo processo de complexificação no decorrer dos três anos.

Já o estudante E₃⁵ descreve claramente a realização de vários projetos, envolvendo todos os componentes curriculares e todas as turmas da escola. “Projetos diferentes realizados em conjunto com as disciplinas que envolveram a escola como um todo, acho importante por abranger um trabalho por todas as disciplinas que envolvem todas as turmas” (E₃⁵).

Observa-se, no depoimento, que a escola tem um planejamento pedagógico integrado, com os componentes curriculares e os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem dialogando. Em consequência, os conteúdos trabalhados tornam-se interessantes aos estudantes.

A subcategoria *conteúdos integrados* busca avaliar se ocorre interdisciplinaridade no tratamento dos conteúdos abordados em sala de aula, isto é, se os componentes curriculares dialogam entre si.

O relato do estudante E₄⁹ traz alguns indicativos sobre o tema. Afirma ele:

A forma de aprendizagem que foi projetado por vários professores para esse ano de 2014, foi importante, pois assim obtivemos mais conhecimento pelas áreas estudantis. O seminário em geral ajudou grande parte dos alunos a elaborar um trabalho de pesquisa e apresentá-lo (E₄⁹).

Há evidência de que houve planejamento conjunto de parte dos professores, realizando trabalho integrado. Relatos de outros respondentes seguem na mesma linha.

Esses relatos revelam, pois, o que já foi observado e referido anteriormente: a interdisciplinaridade está mais restrita aos projetos realizados pelo Seminário Integrado e a alguns professores, geralmente dentro de suas áreas de conhecimento. Corroborando essa constatação tem-se as conclusões do estudo de Cacuri (2012), que observou a falta de integração dos professores na realização de projetos, sendo que cada um trabalhou isoladamente com grupo restrito de participantes. Schu (2015) traz uma visão esclarecedora para o problema: os professores ainda não incorporaram uma atitude interdisciplinar. Também para Schossler (2013), Machado (2014) e Ritter (2014) a interdisciplinaridade continua distante de uma prática pedagógica em sala de aula. Assim sendo, a medida propositiva de interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora não atende satisfatoriamente às necessidades dos estudantes no que se refere à formação integral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado um componente curricular, o Seminário Integrado é o elemento articulador e problematizador do currículo, articulando conhecimentos vivenciais com conhecimentos

sistematizados. Metodologicamente, integra práticas interdisciplinares e investigativas, em especial pesquisas socioantropológicas para conhecimento da realidade local.

Conforme o documento-base de implantação da proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico, a organização dos trabalhos do Seminário Integrado é de responsabilidade da equipe diretiva, enquanto que a coordenação dos projetos é atribuição do coletivo dos professores. Além disso, o Seminário Integrado é coordenado por um professor orientador, o qual é responsável pela avaliação dos projetos vivenciais dos estudantes.

O Seminário Integrado deveria promover o diálogo entre os componentes curriculares, consolidando a análise interdisciplinar e contextualizada. Entretanto, a maioria dos respondentes considera que o Seminário Integrado está distante da realidade local – o espaço de vivência dos estudantes –, não cumprindo a função de eixo articulador e integrador do currículo. Além disso, ao que parece, o Seminário Integrado não prepara os estudantes para a intervenção na realidade.

A análise dos dados aponta indicativos de que os conteúdos dos diversos componentes curriculares, bem como projetos de pesquisa, ocorrem de maneira interdisciplinar e contextualizada. Entretanto, o Seminário Integrado não consegue articular a integração com os demais componentes.

Constata-se, pois, que o Seminário Integrado não está conseguindo cumprir a finalidade de ser eixo articulador e problematizador do currículo. Igualmente, constata-se que a interdisciplinaridade como estratégia pedagógica integradora não atende satisfatoriamente às necessidades dos estudantes, pois continua distante de ser uma prática pedagógica em sala de aula.

Percebe-se, no cômputo geral, um distanciamento entre a proposta oficial e sua implementação na realidade escolar. Ao que parece, é preciso ouvir mais a voz dos principais sujeitos da educação – estudantes e professores. Em que pese a intenção da proposta pedagógica do Ensino Médio Politécnico expressa em suas medidas, permanece um questionamento: é necessária uma mudança curricular para melhorar a qualidade da educação? Pensa-se que a mudança deva se processar mais no fazer pedagógico do que no currículo. Assim, persiste o desafio de se buscar alternativas para a melhoria da qualidade da educação, especialmente o caso do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Jose Clovis; REIS, Jonas Tarcísio (Orgs). **Reestruturação do ensino médio:** pressupostos teóricos e desafios da prática. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Ed. rev. amp. Lisboa: Edições 70, 2011.

CACURI, Fabiana Cristina Sataub. **A implantação do “Ensino Médio Politécnico” no Rio Grande do Sul:** um estudo de caso. 2012. 84 f. Monografia (Licenciatura e Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55074/000856553.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 ago. 2014

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade no ensino brasileiro.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

_____. (Coord.). **Práticas interdisciplinares na escola.** 13. ed. rev. e amp. São Paulo: Cortez, 2013.

FRANCISCHETT, Mafalda N. **O entendimento da interdisciplinaridade no cotidiano.** Cascavel, PR: UNIOESTE, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/francishettmafalda-entendimento-da-interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MACHADO, Marcia Maria Bremm. **Temas meio ambiente, sustentabilidade e educação ambiental no ensino de biologia:** um estudo sobre as práticas dos professores do ensino médio de Sapucaia do Sul, RS. 2014. 46 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96039>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

MAIA, Átila de Macedo; TOMAZETTI, Eliasete Medianeira. O ensino médio politécnico no RS, seminário integrado, interdisciplinaridade: desafios lançados. In: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ANPED, 2014, p. 1-19. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1365-0.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.

MIRANDA, G. Q. A noção de interdisciplinaridade e contextualização no Ensino Médio. In: PUENTES, R. V.; AQUINO, O. F.; LONGAREZI, A. M. **Ensino Médio**: processos, sujeitos e docência. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 103-126.

MOREIRA, Maria Aparecida Oliveira et al. Projetos como proposta pedagógica para trabalhar seminário integrado & interdisciplinaridade no ensino médio politécnico. In: EDEQ, 34., 2014, Santa Cruz do Sul - RS. **Anais eletrônicos...** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2014, p. 3-9. Disponível em: <<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/edeq/article/viewFile/11891/1748>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

MORIN, Edgar. **O método**: as ideias. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. **Ciência com consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.

_____. **Educação e complexidade**: os sete saberes. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013b.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NETO, Odoalto Ivo Rochefort. **Interdisciplinaridade escolar**: um caminho possível. 2013. 306 f. Tese (Doutorado em Química) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/78771>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

RITTER, Leoni Rosane. O papel da pesquisa no ensino médio politécnico: um desafio que exige mudança no contexto escolar. In: Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia, 4., 2014, Ponta Grossa – PR. **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: SINECT, 2014, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.sinect.com.br/2014/down.php?id=3078Q=1>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SCHOSSLER, Daniela Cristina. **Projetos interdisciplinares visando à formação de alunos pesquisadores**. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas) - Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2013. Disponível em: <<http://www.univates.br/bdu>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

SCHU, Angela Maria Pacini. **Ensino médio politécnico e a relação dos alunos com o saber**. 2015. 274 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/119751>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

SEDUC-RS. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Departamento Pedagógico – DP. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio – 2011-2014**. Porto Alegre: Seduc-RS, 2011.